



Momento de desespero

Autor: Sérgio Peixoto Mendes*

Pode parecer sádico mas, antes de tudo, é demasiadamente humano. Falo da curiosidade presente principalmente em todos nós brasileiros, em conhecer as últimas palavras dos comandantes do Airbus-A320 da TAM que explodiu em São Paulo no dia 17 do mês passado. O que sentiram, o que pensaram, no momento que antecedeu o impacto, seguido da explosão, aquelas pessoas que estavam na cabine da aeronave? E os passageiros que sentiram que o avião não diminuía a velocidade e que conheciam as dimensões reduzidas da pista de Congonhas? Os cintos, com certeza, estavam afivelados uma vez que é procedimento padrão nos pousos, mas não seria o aperto maior no coração? Será que a vida de todos os passageiros se passou, num *flashback*, em poucos segundos? Tudo parece obscuro e guardado numa caixa preta. Falha humana, falha mecânica, intromissão exagerada do computador de bordo, quanta informação numa pequena e praticamente indestrutível caixa preta. As hipóteses se multiplicam na proporção que a curiosidade aumenta mas, sem dúvida, as informações destes momentos derradeiros dos comandantes podem gerar conhecimento e evitar novos acidentes do gênero.

A empresa Airbus já reforçou alguns procedimentos operacionais de suas aeronaves, em nível mundial, a partir do aprendizado com o acidente do vôo 3054. Os familiares das vítimas também querem saber o que realmente deu errado e, principalmente, saber se houve negligência da TAM. A caixa preta, nesse sentido, deverá ter seu conteúdo analisado com muita transparência. A curiosidade em saber o que acontecera depois da já conhecida fala “Vira, vira, vira” manteve em suspense os brasileiros. Vira para onde, vira o que? Os diálogos revelados não respondem tudo e talvez algumas coisas jamais se tornem públicas. Entretanto, a partir de algumas evidências trazidas a tona pelo conjunto de informações da caixa preta já disponibilizados é bem provável que estejamos diante de um erro humano. É apenas probabilidades tudo que se tem em termos de resposta. Mas também é fato: nenhum dos comandantes teve a agilidade de utilizar aqueles últimos segundos para abortar o pouso e arremeter. Este talvez seja o maior equívoco apesar de não se ter nenhuma garantia que o Airbus-A-320 com peso muito próximo do limite fosse retornar altura suficiente para livrar-se dos muitos edifícios que cercam a cabeceira da pista de Congonhas. Mas, segundo o que se sabe até o momento, este procedimento não foi tentado. Arremeter poderia evitar o acidente e garantir o pouso, talvez em Cumbica, sem maiores consequência para os passageiros e tripulação? Esta é, de fato, a questão que fica no ar. De resto se sabe, em momentos de desespero nossa razão se embota e a nossa inteligência se torna demasiadamente extintiva, ou seja, muito humana, como a nossa curiosidade. Afinal quem, em momento de desespero, pensaria em acelerar ainda mais aquela aeronave e faze-la decolar novamente? - “Desacelera” - “não consigo, não consigo”. Então por que não arremeter?

* Sérgio Peixoto Mendes é Filósofo e Escritor e autor do livro *Gestão do Conhecimento Individual*, Visual Books, 2005. <http://www.visualbooks.com.br/product.htm?itemId=209> – Porto Alegre - RS.